



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

JÚLIO CÉSAR DE LIMA SILVA

**O ENUNCIADO DO ANALFABETISMO FUNCIONAL NO DISCURSO MIDIÁTICO:
contribuições ao debate sobre a Alfabetização de Jovens e Adultos**

**JOÃO PESSOA/PB
2023**

JÚLIO CÉSAR DE LIMA SILVA

**O ENUNCIADO DO ANALFABETISMO FUNCIONAL NO DISCURSO MIDIÁTICO:
contribuições ao debate sobre a Alfabetização de Jovens e Adultos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Angelus Miranda de Alcantara

**JOÃO PESSOA/PB
2023**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586e Silva, Júlio César de Lima.

O enunciado do analfabetismo funcional no discurso
midiático: contribuições ao debate sobre a
alfabetização de jovens e adultos / Júlio César de Lima
Silva. - João Pessoa, 2023.

33 f.

Orientação: Marcos Angelus Miranda de Alcantara.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Analfabetismo funcional. 2. Discurso midiático.
3. Análise arqueológica do discurso. I. Alcantara,
Marcos Angelus Miranda de. II. Título.

UFPB/CE

CDU 37(043.2)

JÚLIO CÉSAR DE LIMA SILVA

**O ENUNCIADO DO ANALFABETISMO FUNCIONAL NO DISCURSO MIDIÁTICO:
contribuições ao debate sobre a Alfabetização de Jovens e Adultos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: 12/06/2023

Banca Examinadora


Prof. Dr. Marcos Angelus Miranda de Alcantara
Universidade Federal da Paraíba
CE/DHP/CE/UEPB 3054964
DHP/CE/UEPB
Orientador

Prof. Dr. Erenildo João Carlos
DFE/CE/UEPB
Examinador

Profª. Dra. Evelyn Fernandes Azevedo Faheina
DHP/CE/UEPB
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Deus de Abraão, Isaque, Jacó, agradeço ao Senhor Jesus Cristo, por dar-me forças, saúde plena e ordenar o meu entendimento que outrora era confuso, caótico, assistemático e sei que a Sabedoria Verdadeira só provém de Ti, ó Pai, Maravilhoso e Santo. Toda Honra e Toda Glória a Ti meu Senhor.

Agradeço aos meus pais Pedro Paula da Silva e a Maria Aparecida de Lima Silva. Agradeço ao meu irmão Pedro Lucas de Lima Silva pelo incentivo, compreensão e apoio.

Agradeço aos meus avós paternos Vó Mirrão e Vó Marinheira (In memoriam) e Vó Miguel e Vó Neuza. E a bisavó materna Vó Vitinha (In memoriam). Tios e primos e primas.

Agradeço a todos os gestores públicos, servidores públicos, terceirizados e comerciantes do campus da Universidade Federal da Paraíba.

Agradeço ao orientador o Professor Dr. Marcos Angelus Miranda de Alcantara pela paciência em me ouvir, doar seu entendimento pedagógico, discursivo, filosófico, lógico e crítico. Obrigado!

Agradeço ao professor Dr. Erenildo João Carlos e à professora Dra. Evelyn Fernandes Azevedo Faheina por compor a banca examinadora deste TCC. Obrigado por aceitarem e participar da banca, agradeço a atenção qualificada para o debate. Obrigado!

Agora agradeço pelas pessoas que me ajudaram no percurso formativo desde quando surgiu a curiosidade de pesquisar com base na Análise do Discurso.

Agradeço à professora Dra. Jeane Félix, eu estava no 4º período do curso, ouvi com muita atenção a discussão encadeada no dia 20 de maio de 2016, no Auditório do PPGE sobre a temática “Pedagogia, Gênero e Diversidade”. Agradeço pelas reflexões acerca do assunto, ouvi a importância do discurso na construção da identidade.

Agradeço a amiga Alanna Borges, pela indicação da leitura da obra A ordem do discurso em Michel Foucault, além dos artigos da Análise do Discurso (AD).

Agradeço a Maria Lígia por sua sugestão para que eu consultasse os dados do Inaf e o conceito de alfabetização.

Agradeço ao professor Dr. Vaz Neto pelo compartilhamento dos artigos e materiais de estudo sobre análise de discurso e sua relação com dominação.

Agradeço ao grupo de estudos de Análise Arqueológica do Discurso, a Vânia, Krislânia, Kamilla, Felipe, Elizabeth, Adriely. as interações do grupo foram importantes para o amadurecimento intelectual.

Agradeço todos os docentes que tive contato durante a graduação, vocês fazem parte da minha biografia, cada reflexão, crítica, incentivo, dissonância cognitiva, riso, escuta, aprendizagens.

Agradeço ao Rafael do Ramo Pereira pela amizade verdadeira e sincera.

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo analisar o discurso midiático sobre o analfabetismo funcional. O referencial teórico conceitual desta pesquisa está estruturado em consultas a artigos, livros, dissertações e teses. Do ponto de vista teórico-conceitual este estudo apropria-se das contribuições conceituais de Soares (2003), Ribeiro et. al. (2002), Unesco (2008) e fundamenta-se na Análise Arqueológica do Discurso, em Michel Foucault (2008, 2022), com base nos conceitos de discurso e enunciado. Os procedimentos metodológicos desta pesquisa são baseados em três etapas, a saber: 1) mapeamento dos documentos, 2) escavação da zona do discurso e 3) análise e descrição dos enunciados (ALCANTARA e CARLOS, 2013). Com base nos achados arqueológicos do discurso, constatou-se a centralidade e evidência da função demográfico-estatística do analfabetismo funcional. Este estudo contribuiu, para o mapeamento da rede discursiva midiática sobre o analfabetismo funcional, composta por relação de causa e efeito, diferentes posições de sujeito em diferentes gerações, como objeto de política pública e como problema epistemológico-classificatório.

Palavras-chave: Analfabetismo Funcional. Discurso Midiático. Análise Arqueológica do Discurso.

ABSTRACT

This research aimed to analyze the media discourse on functional illiteracy. The theoretical-conceptual framework of this research is structured based on consultations of articles, books, dissertations, and theses. From a theoretical-conceptual perspective, this study initially appropriates the conceptual contributions of Soares (2003), Ribeiro et al. (2002), UNESCO (2008), and is grounded in the Archaeological Analysis of Discourse, by Michel Foucault (2008, 2022), based on the concepts of discourse and statement. The methodological procedures of this research are based on three stages, namely: 1) mapping of documents, 2) excavation of the discourse zone, and 3) analysis and description of statements (ALCANTARA and CARLOS, 2013). Based on the archaeological findings of discourse, it was found that the demographic-statistical function of functional illiteracy is central and evident. This study contributed, therefore, to the mapping of the media discursive network on functional illiteracy, which is composed of cause-and-effect relationships, different subject positions in different generations, as an object of public policy, and as an epistemological-classificatory problem.

Keywords: *Functional Illiteracy. Media Discourse. Archaeological Analysis of Discourse.*

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Informações das matérias que compõem o sítio arqueológico deste trabalho de conclusão de curso.....	21
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 RAZÕES DE NATUREZA SUBJETIVA, SOCIAL E POLÍTICO-PEDAGÓGICA PARA ANÁLISE DO ENUNCIADO DO ANALFABETISMO FUNCIONAL NA ORDEM DO DISCURSO MIDIÁTICO	9
1.2 PROBLEMATIZAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA	13
1.3 ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DOS CAPÍTULOS DO TRABALHO	14
2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICO METODOLÓGICAS SOBRE O ANALFABETISMO FUNCIONAL COMO OBJETO DO DISCURSO MIDIÁTICO	16
2.1 ANALFABETISMO FUNCIONAL COMO CONCEITO	16
2.2 DISCURSO E ENUNCIADO COMO NOÇÕES FOUCAULTIANAS PARA ANÁLISE DO PROBLEMA	18
3 A FUNÇÃO ENUNCIATIVA DEMOGRÁFICO ESTATÍSTICA DO ANALFABETISMO FUNCIONAL NA ORDEM DO DISCURSO MIDIÁTICO	25
3.1 RELAÇÕES DE CAUSA E EFEITO DO ANALFABETISMO FUNCIONAL	25
3.2 O ANALFABETISMO FUNCIONAL COMO POSIÇÃO DE SUJEITO EM DIFERENTES GERAÇÕES	28
3.3 O ANALFABETISMO FUNCIONAL COMO OBJETO DE POLÍTICA PÚBLICA	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

O trabalho de conclusão de curso é uma etapa imprescindível para que o estudante tenha a proximidade com a pesquisa acadêmica, além de estruturar seu pensamento durante o processo de construção do conhecimento. Nessa direção, este capítulo está organizado em três tópicos, a saber: 1.1 Razões de natureza subjetiva, social e político-pedagógica para a delimitação do objeto da pesquisa. Nele, se busca justificar a relevância do projeto e do objeto da pesquisa. 2.2 Problematização e delimitação do objeto de pesquisa. Aqui se faz um percurso reflexivo acerca da construção da questão a ser investigada. 1.3 Organização e estrutura dos capítulos do trabalho. Neste último tópico o leitor é apresentado de modo sucinto ao conteúdo de cada um dos capítulos do texto.

1.1 RAZÕES DE NATUREZA SUBJETIVA, SOCIAL E POLÍTICO-PEDAGÓGICA PARA ANÁLISE DO ENUNCIADO DO ANALFABETISMO FUNCIONAL NA ORDEM DO DISCURSO MIDIÁTICO

O meu interesse pelo estudo sistemático do discurso midiático sobre o analfabetismo funcional originou-se de forma rudimentar pelas minhas dúvidas pessoais. Essas dúvidas maturaram em dúvidas acadêmicas e foram complexificando quando atuei como estudante da educação básica (em específico, tive no 2º ano e 3º ano do Ensino Médio, nos anos 2012 e 2013), como pesquisador em formação no curso de Pedagogia (2014-2023) e futuro pedagogo, em minha vida profissional. A pergunta que pairava na minha mente adolescente e jovem recém chegado na universidade pública federal foi “sou um analfabeto funcional?(2013/2014)” ou reelaborando a pergunta “Eu estava analfabeto funcional?(2021)”. Afinal, na condição de estudante de pedagogia, chamava atenção o que os meios de comunicação veiculavam acerca do analfabetismo funcional. Assim, surge o interesse em pesquisar sobre esse fenômeno: os dizeres midiáticos acerca do analfabetismo funcional.

Embora apresente o percurso que conduziu à delimitação do objeto da pesquisa no próximo tópico, cabe antecipar que se trata do enunciado do analfabetismo funcional da ordem do discurso midiático. Todavia esta foi uma construção posterior, o Julio Cesar adolescente e recém chegado à UFPB, em 2014, só estava preocupado e saber se era mais um analfabeto funcional e em função dessa necessidade existencial de autoconhecimento,

interessou-se sobre questões de leitura, escrita, linguística, filosofia da linguagem, lógica e matemática com o propósito de superar as suas próprias dificuldades no aprendizagem da língua materna e raciocínio lógico matemático.

O elemento midiático, como mais um constituinte temático do objeto da pesquisa, também foi um elemento que despertou meu interesse ainda durante o ensino médio. Eu estudava e buscava informações sobre a temática do analfabetismo funcional pelas fontes disponíveis na *internet*, principalmente, nos portais de notícias que traziam especialistas para falar sobre a questão do analfabetismo funcional.

Por consequência na minha lógica, naquele tempo, eu também nutria o desejo de saber pesquisar, sobre o que desejava saber, conhecer. Nesse sentido, eu perguntava aos docentes da educação básica, mas não obtinha êxito na minha busca de respostas, no nível que eu desejava saber, pois no currículo escolar não tinha elementos sistematizados sobre pesquisa científica que direcionasse e qualificasse o meu interesse e que transforma-se as minhas dúvidas existenciais em espaço de investigação científica no espaço da cultura escolar e científica.

No início da graduação em Pedagogia aquelas dúvidas de outrora sobre o analfabetismo funcional, fizeram-se presente novamente, no contexto de uma nova rotina de estudos e leituras. Assim, na condição de graduando, a minha compreensão leitora (SOLÉ, 1998) foi desafiada em textos de níveis mais complexos, específicos e profundos do ponto de vista da atenção, interpretação, entendimento, crítica literária e crítica teórico-histórico-filosófica.

Mas, ao longo dos componentes do curso, aquela dúvida retornava à minha mente: “Será que sou um analfabeto funcional?”. Nesse sentido, eu busquei respostas no espaço acadêmico para esta pergunta; ao longo de alguns componentes curriculares que foram importantes no nível da qualificação conceitual teórico prática sobre a temática da língua e linguagem e também no fortalecimento das minhas habilidades leitoras, a saber: Língua e Literatura, Linguagem e Interação e Ensino de Português, Metodologia do Trabalho Científico, Pesquisa Educacional, Educação e Tecnologias, além do projeto de Monitoria no Componente Curricular Educação e Tecnologias sob a orientação e liderança da Profa. Dra. Lebiam Tamar Gomes Silva, no projeto intitulado Formação do Pedagogo: pesquisa, planejamento e gestão da prática educativa do CE - Departamento de Habilitação Pedagógica (DHP), durante os semestres letivos de 2015.2 e 2016.1.

Nessa trajetória da formação acadêmica, realizei leituras superficiais e autônomas, no campo da leitura, sobre interlocução informal e pontuais da Profª Ms. Walkiria Pinto Carvalho, destaque para duas obras, a saber: *Estratégias de Leitura*, da autora Isabel Solé e a

dissertação de mestrado *O ler por prazer: a construção de uma forma da leitura nos anos 80*, da pesquisadora Fernanda Torresan.

Em síntese, o que me incomodou ao longo das minhas dificuldades no processo de escolarização básica foi que a leitura e escrita faziam-se presentes no currículo real das instituições escolares da educação básica, no entanto, a abordagem do ensino de língua apresentada nas práticas escolares não deu conta de formar como leitor e escritor competente para as demandas no ensino superior situadas nas demandas comunicativas, linguísticas e sócio interacionais atuais do século XXI.

Por fim, no ano de dois mil e dezenove, participei do grupo de estudos sobre Análise Arqueológica do Discurso, com o professor orientador Marcos Angelus Miranda de Alcântara e Erenildo João Carlos, que me possibilitou uma aproximação com o fundamento teórico do enunciado do analfabetismo funcional no discurso midiático.

De maneira geral, percebe-se de maneira assistemática que no discurso que ronda os espaços comunicacionais da mídia sobre o analfabetismo funcional, há um aspecto que aparenta ser um paradoxo pedagógico (que pode ser questionado e criticado, de forma séria, honesta e saudável). Este paradoxo consiste na ideia que o analfabetismo funcional pode ser construído ou perpetuado mesmo dentro de um sistema de ensino/instituição escolar (Título da entrevista: *Existem muitos analfabetos funcionais no Brasil? De Olho na Educação*¹).

Nesse sentido, no raciocínio declarado nesta informação, uma determinada instituição educativa que possua uma proposta curricular orientada para atender as demandas educacionais das crianças, jovens e adultos com concepções pedagógicas situadas nos estudos da linguística (tradicionais ou não) (ANTUNES, 2003), estes sujeitos permaneceriam em estado de analfabetismo funcional. Respeitando esta lógica linear e provisória neste texto, a/o estudante hipotético mesmo participando das aulas propostas durante a sua vida escolar na educação básica, ele não se apropriaria ou não teria o domínio pleno da compreensão leitora (SOLÉ, 1998) adequada para sua atuação e participação qualificada nos diferentes campos: pessoal, estética, cultural, social, profissional, político e ético.

Essa ideia provisória do paradoxo pensada a partir da entrevista *Existem muitos analfabetos funcionais no Brasil? De Olho na Educação*¹(2019) situada no contexto midiático aproxima da nossa discussão, no sentido da relevância dessa temática, no contexto das

¹GASPARIAN COLELLO, Silvia. MANSO, Maria. **Existem muitos analfabetos funcionais no Brasil?** [De olho na Educação. TV Cultura. ©1996 – 2019. Fundação Padre Anchieta. Disponível em: < <https://tvcultura.com.br/videos/66429-existem-muitos-analfabetos-funcionais-no-brasil-de-olho-na-educacao.html> > Acesso em: 15 jun 2019.

campanhas eleitorais, índices censitários, políticas públicas etc. Neste campo percebe uma narrativa que declara a tentativa de apontar causas ou eleger hipóteses de maneira geral sobre os conceitos de alfabetização, letramento e em específico do analfabetismo funcional. Os três conceitos mencionados, estão associados ao fenômeno educacional, restrito no espaço da escola e também são lançadas informações sobre o trabalho docente das professoras e dos professores na educação básica.

Do ponto de vista da relevância social da questão, o analfabetismo funcional é um problema que transita não somente na ordem do discurso midiático, mas também no discurso político institucional, como no Parecer CNE 11/2000 que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos - EJA, sob a relatoria do Conselheiro Carlos Roberto Jamil Cury. É um documento de referência e estruturador da área, utiliza do termo *sociedade grafocêntrica* para dizer que vivemos numa sociedade em que a leitura e a escrita estão na centralidade nas relações humanas e culturais. Com este pano de fundo, no caso brasileiro, este parecer aproxima as problemáticas curriculares com as demandas históricas, sociais e políticas dos sujeitos da EJA.

No discurso legal esta temática possui sua relevância nas ações da Política Nacional da Alfabetização, conforme o Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019. Que no Art. 1º informa a ação de combate ao analfabetismo funcional, e neste documento no Art. 2º define superficialmente como é considerada a terminologia, no sentido, que: “III - analfabetismo funcional - condição daquele que possui habilidades limitadas de leitura e de compreensão de texto”.

Por fim, do ponto de vista estatístico, através dos dados apresentados no relatório o Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf)- “INAF Brasil 2018 - Resultados preliminares”. Nesse relatório, a realidade do analfabetismo da população brasileira é situada, assim como os novos conceitos de alfabetização, segundo o Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF). (1) Analfabetismo Funcional: 1.1- Analfabetismo absoluto (8%); Alfabetismo rudimentar (22%); (2) Funcionalmente alfabetizado: 2.1- elementar (34%); intermediário (25%); Proficiente (12%).

Quanto à relevância acadêmico-científico da questão, consultamos o Repositório Institucional da Universidade Federal da Paraíba no período de 2010 a 2020. Em nível de graduação, como categoria de busca no repositório, utilizou-se o termo: “analfabetismo funcional”. Foi encontrada uma monografia que apresenta em seu título a categoria pesquisada. O título da monografia, a saber: As dificuldades na formação do hábito de leitura em alunos do ensino médio: contradições resultantes do analfabetismo funcional.

Em nível de pós-graduação, realizei uma consulta na base de dados digitais da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações onde foram encontrados quatro trabalhos, nos últimos dez anos, com o termo analfabetismo funcional no título; uma tese e três dissertações. Destaque específico para dissertação: Analfabetismo funcional, alfabetização e letramento: ações da escola na produção de pesquisas entre 2011 e 2016 da pesquisadora Luciane de Sousa Lopes Araújo. Logo, dado a pouca pesquisa realizada na área em nível de graduação relacionado à temática do analfabetismo funcional, esta investigação soma-se às demais no sentido de oferecer contribuições ao debate no campo da Alfabetização de Jovens e Adultos.

Portanto, diante do exposto nas três esferas desde a minha trajetória pessoal, a questão do analfabetismo se fez presente. Além disto, no cenário brasileiro e no debate político-social sobre educação, perpassa pela discussão acadêmica, do ponto de vista da construção desta pesquisa. Desse modo, as ideias apresentadas nos parágrafos anteriores evidenciam a relevância do objeto da pesquisa.

1.2 PROBLEMATIZAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Para efeitos introdutórios, a problematização dar-se no que diz respeito à informação que o leitor tem acesso acerca da narrativa que associa o trabalho docente (os profissionais da educação, em específico, as pedagogas e pedagogos) à possível perpetuação do analfabetismo funcional, dentro do ensino da língua materna, nos processos de alfabetização e letramento que ocorrem durante a educação básica. Esta narrativa é baseada em que fundamentos, dados, informações? Como a Análise Arqueológica do Discurso pode nos ajudar na escavação dessa relação? Em primeiro lugar, ao olharmos para essa questão sob a ótica da AAD, entendemos que o enunciado é o acontecimento discursivo que possibilita a produção da narrativa. Em segundo lugar, nosso objeto de pesquisa, por ser arqueológico, se desloca da narrativa para o enunciado.

Há realmente no nível discursivo midiático indícios que corroboram com a perpetuação do analfabetismo funcional dentro do sistema de ensino público? O que os achados das escavações podem colaborar na discussão para o ensino de língua materna e para a alfabetização de jovens e adultos?

A intencionalidade, a priori, desta pesquisa sem entrar nos achados das escavações arqueológicas do discurso, no processo de análise propriamente dita, baseia-se nesta

inquietação nos levantamentos de informações realizadas nos estudos das autoras e autores (ANTUNES, 2003; GASPARIAN COLELLO, 2019; OLIVEIRA MUNIZ, 2018) consultados para formar a teia de conceitos e significados deste trabalho de conclusão de curso que nos instigam a investigar e analisar como o enunciado do analfabetismo funcional que está situado na rede do discurso midiático.

Com este estudo, esperamos esclarecer de maneira crítica, no nível do discurso, quais são os aspectos que podem ser desconhecidos, embora circulem nas reportagens, matérias jornalísticas, hospedadas em quatro sites descritos na metodologia deste projeto que compõe o nosso sítio arqueológico para as escavações e investigações deste estudo. Enfim, este estudo pode trazer elementos para discussão para outras pesquisas no campo da Alfabetização de Jovens e Adultos, e além de ser uma possível fonte de leitura para os profissionais da educação básica em formação inicial e continuada.

O objeto da pesquisa é o discurso midiático sobre o analfabetismo funcional. O problema da pesquisa consiste na seguinte questão: como o enunciado do analfabetismo funcional se caracteriza na ordem do discurso midiático? Os objetivos desta pesquisa são divididos em geral e três específicos. O objetivo geral é analisar o discurso midiático sobre o analfabetismo funcional. Os objetivos específicos são: mapear a rede documental que subscreve o enunciado analfabetismo funcional; escavar o enunciado analfabetismo funcional que está circunscrito à rede documental mapeada; descrever os correlatos enunciativos do analfabetismo funcional na ordem do discurso midiático.

1.3 ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DOS CAPÍTULOS DO TRABALHO

O trabalho de conclusão de curso está organizado em três capítulos. De maneira sintética, o primeiro capítulo introduziu a justificativa por meio das dimensões pessoal, acadêmica e social, problematizou e delimitou o objeto da pesquisa. O segundo capítulo apresenta algumas considerações teórico metodológicas sobre a análise do objeto da pesquisa e o terceiro capítulo é dedicado à análise do objeto.

Desse modo, neste texto apresento de maneira mais detalhada os três tópicos que geram cada capítulo. Nesta introdução vimos as razões de natureza subjetiva, social e político-pedagógica para a delimitação do objeto da pesquisa, problematizamos e delimitamos o objeto da pesquisa. No segundo capítulo faremos algumas considerações teórico metodológicas sobre o analfabetismo funcional como objeto do discurso midiático no Brasil. Para isto, dialogamos com um referencial teórico-conceitual e traremos as categorias discurso

e enunciado como noções foucaultianas para análise do problema. Finalmente, trazemos a análise e descrição dos achados no capítulo intitulado função enunciativa demográfico estatística do analfabetismo funcional na ordem do discurso midiático. Nele apresentamos o enunciado das relações de causa e efeito do analfabetismo funcional, as diferenças geracionais como posições de sujeito e o analfabetismo funcional como objeto de política pública, o analfabetismo funcional como problema epistemológico-classificatório. Nas considerações finais retomamos os objetivos da pesquisa e verificamos em que medida foram alcançados, bem como apontamos novas questões que emergem a partir desta pesquisa que podem vir a ser objeto de pesquisas futuras.

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICO METODOLÓGICAS SOBRE O ANALFABETISMO FUNCIONAL COMO OBJETO DO DISCURSO MIDIÁTICO

Este capítulo aborda as questões teóricas e metodológicas da pesquisa desenvolvida. No referencial teórico busca-se estruturar minimamente um cenário guiado pela terminologia das palavras, com o enfoque no analfabetismo funcional, e de maneira secundária a alfabetização e letramento. Destacando assim, as suas distinções, relações no campo conceitual nas produções acadêmicas consultadas. Na dimensão metodológica, este estudo adotou a Análise Arqueológica do Discurso, e optamos por priorizar as noções de enunciado e discurso em Michel Foucault para análise do problema.

2.1 ANALFABETISMO FUNCIONAL COMO CONCEITO

Para início de conversa, este estudo é baseado nos raciocínios da conceituação sobre o analfabetismo funcional, e em segundo, há uma tentativa de articular superficialmente esta conceituação do analfabetismo funcional, situando-a com outros dois conceitos essenciais e estruturantes que pertencem ao campo da Alfabetização de Jovens e Adultos. Os dois conceitos que serão relacionados são alfabetização e letramento, no nível da problemática da terminologia.

Desse modo, a alfabetização e o letramento, do ponto de vista conceitual, são distintos e específicos enquanto fenômenos, e estão situados numa compreensão específica por cada país, na invenção do termo (SOARES, 2002). No caso brasileiro há uma associação forte entre os dois fenômenos, e esta ligação possui uma historicidade própria.

A conceituação sobre o analfabetismo funcional consiste na ideia que o sujeito não consegue fazer uso da leitura e da escrita em situações do cotidiano escolar e para além dele. Em 1990, seguindo a recomendação da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (Unesco), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) passou a divulgar esta terminologia e os índices do analfabetismo funcional (RIBEIRO; VÓVIO; MOURA, 2002, p.52).

Para efeito de reflexão proposta neste texto, apresento duas conceituações sobre o analfabetismo funcional, a primeira atribui o conceito com a “[...] incapacidade de fazer uso efetivo da leitura e da escrita nas diferentes esferas da vida social” (RIBEIRO; VÓVIO; MOURA, 2002, p.52). A segunda conceituação avança elegendo o aspecto da escolarização associada: “[...] com a falta de capacidades para fazer uso efetivo da leitura e da escrita nas

diferentes esferas da vida social, após alguns anos de escolarização. Pelo critério adotado nas pesquisas censitárias, são analfabetas funcionais as pessoas com menos de quatro anos de estudo”. (UNESCO, 2008, p.61)

Nesse sentido, Ribeiro *et. al.* (2002, p.53), destacam que o conceito de analfabetismo funcional possui uma dimensão relativa, pois há uma dependência com as “demandas de leitura e escrita colocadas pela sociedade assim como das expectativas educacionais que a sustentam politicamente”. Por isso, os índices censitários nos países pobres são estabelecidos no critério temporal de quatro anos de escolarização. Em contraposição, na América do Norte e na Europa é eleito o critério de oito a nove anos para atingir a condição de analfabetismo funcional.

De posse dessas conceituações sobre o analfabetismo funcional pode-se relacionar aos conceitos de analfabetismo e letramento. Daremos ênfase à relação principal que contribui na reflexão do aporte teórico, no sentido, de situar o campo de atuação do termo analfabetismo funcional e sua distinção entre os conceitos de analfabetismo e letramento, dois conceitos estruturantes do debate sobre Alfabetização de Jovens e Adultos.

Na literatura consultada, a relação essencial que é mencionada na linha demarcatória entre a condição do analfabetismo funcional e o letramento deu-se pelo raciocínio que

finalmente, entendeu-se que o próprio termo “analfabetismo funcional” é incompatível com uma visão mais atualizada de letramento, pois é difícil sustentar a idéia de que as pessoas retenham habilidades “não-funcionais”, ou seja, que não tenham nenhum uso ou significado para elas. Assim sendo, preferiu-se simplesmente opor a condição de analfabetismo, no sentido tradicional do termo, a níveis diferenciados de alfabetismo, cada um com seu espectro de funcionalidade (RIBEIRO *et. al.*, 2002, p. 57).

Desse modo para algumas pesquisadoras que discutem sobre a terminologia que perpassa o analfabetismo funcional. Percebe-se que a depender da perspectiva teórica adotada há alterações nas significações das terminologias. Nesse sentido, Ribeiro *et. al.* (2002, p.57), apresentam o entendimento de que termo “analfabetismo funcional”, ao menos no campo dos estudos sobre alfabetização, caiu em desuso e sustentam a ideia de que no paradigma do letramento o termo que seria coerente ao campo é o de alfabetismo com os seus aditivos de funcionalidade.

2.2 DISCURSO E ENUNCIADO COMO NOÇÕES FOUCAULTIANAS PARA ANÁLISE DO PROBLEMA

Para o estudo adotou-se uma lógica de progressão metodológica que transita a partir da pesquisa qualitativa e documental à Análise Arqueológica do Discurso. Nesse sentido, este estudo é estruturado numa abordagem teórico-metodológica, de Análise Arqueológica do Discurso (FOUCAULT, 2008). Esta abordagem consiste na investigação da zona discursiva da linguagem, chamada por Foucault de enunciado.

Para a realização deste trabalho, inicialmente se pensou em recorrer à lógica da pesquisa documental, exploratória de natureza qualitativa. Do ponto de vista dessas abordagens, a pesquisa qualitativa

considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (FREITAS; PRADANOV, 2013, p. 70).

Nesse contexto relacional dinâmico entre o sujeito e o objeto, a interpretação dos fenômenos apresenta-se com estruturante na operação com essa natureza de pesquisa. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, de acordo com Gil (2008) conforme citado por Freitas e Prodanov (2013, p.55) a idéia conceitual sobre “a pesquisa documental baseia-se em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”.

Embora possamos dizer que nossa pesquisa é documental e qualitativa, o interesse do analista do discurso está em estabelecer uma descrição do enunciado, explicitar os artefatos do discurso, não é interesse do analista elaborar uma interpretação subjetiva ou mesmo com base em um dado referencial teórico e conceitual. Para analisar arqueologicamente nosso objeto recorreremos aos seguintes conceitos operativos: “1. Discurso – uma série de enunciados apoiados em um mesmo sistema de formação, 2. Enunciado – uma modalidade particular de existência de signo” (ALCANTARA, 2017, p. 61) e 3. Posição de Sujeito

uma função determinada, mas não forçosamente a mesma de um enunciado a outro; na medida em que é uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o

enunciado; e na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos (FOUCAULT, 2008, p. 105).

Em sua investigação, o filósofo Michel Foucault, demarca na obra *Arqueologia do Saber*, as seguintes ideias sobre discurso e enunciado:

o discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo num determinado ponto do tempo; é, de parte a parte, histórico - fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo (FOUCAULT, 2008, p. 133).

O pensador traz para o debate alguns elementos que nos denotam a definição de enunciado. Para fins de organização neste texto evidenciamos os três elementos básicos que estão atrelados à noção de enunciado. O primeiro elemento está associado à ideia de acontecimento: “[...] enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente” (FOUCAULT, 2008, p. 31).

O segundo elemento que compõe esta trama conceitual e processual sobre o enunciado baseia-se na compreensão que determina as condições de sua existência:

[...] A análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de **determinar as condições de sua existência**, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar (FOUCAULT, 2008, p. 31, grifo nosso).

De posse desses dois elementos introdutórios na definição de enunciado, que passam pelo acontecimento, condições de sua existência; o terceiro elemento que fecha o circuito da definição é o elemento da função de existência que pertence aos signos que diz:

o enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); **é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos**, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles "fazem sentido" ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se

encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita) (FOUCAULT, 2008, p. 98, grifo nosso).

Nesse sentido, Foucault (2008) explicita a noção de enunciado perpassando os três elementos, avançando a caracterização na dimensão da modalidade. Desse modo há uma linha demarcatória que avançou no pensamento do filósofo com a seguinte declaração:

chamaremos **enunciado a modalidade de existência própria desse conjunto de signos**: modalidade que lhe permite ser algo diferente de uma série de traços, algo diferente de uma sucessão de marcas em uma substância, algo diferente de um objeto qualquer fabricado por um ser humano; modalidade que lhe permite estar em relação com um domínio de objetos, prescrever uma posição definida a qualquer sujeito possível, estar situado entre outras performances verbais, estar dotado, enfim, de uma materialidade repetível (FOUCAULT, 2008, p.121, grifo nosso).

Em função do objeto da pesquisa, o enunciado do analfabetismo funcional na ordem do discurso midiático, fomos selecionando documentos que necessitaram ser agrupados em duas categorias: documentos primários e secundários (que aparecem citados nos primários). Os documentos primários desta pesquisa consistem nas produções do Grupo Abril. A escolha desta empresa deu-se pelo fato de suas publicações terem elevadas taxas de circulação, além disso, este grupo empresarial tem um produto específico voltado à educação, chamado Nova Escola. Nesse sentido, as matérias que foram analisadas estão disponibilizadas em meio eletrônico, nos sites das respectivas marcas, a saber: Nova Escola e Veja.

No site da Nova Escola, foram selecionadas seis matérias, pelo critério de busca, a partir do descritor “Analfabetismo funcional”. Além disso, as matérias selecionadas estão categorizadas por etapa da Educação de Jovens e Adultos. No site da Veja, foram selecionadas duas matérias, o critério de escolha deu-se pela presença no título do mesmo descritor pesquisado no site da Nova Escola.

Em consulta pelo buscador com o descritor “Analfabetismo funcional”, houve a adição de duas reportagens de outros veículos na lista de fontes primárias, uma reportagem do portal O Globo e uma reportagem do portal Terra, dado também seu poder de circulação midiática.

O quadro a seguir apresenta os documentos que foram acessados, com o recorte temporal de 2010 a 2019.

Quadro 1 - Informações das matérias que compõem o sítio arqueológico deste trabalho de conclusão de curso.

Título do documento	Veículo	Ementa	Ano	Endereço eletrônico (Link)
A EJA atrai cada vez mais jovens	Nova Escola	Esta matéria retrata como a Educação de Jovens e Adultos está em operação com aumento da quantidade de jovens que acessam a modalidade pela distorção idade-série trazendo elementos das falas dos sujeitos, além de contextualizar as políticas como a extinção da Secadi, com as ações para este público.	30 de agosto de 2019	https://novaescola.org.br/conteudo/18240/a-eja-atrai-cada-vez-mais-jovens
Quem é e o que pensa Carlos Nadalim, o novo secretário de Alfabetização do MEC?	Nova Escola	Esta matéria comenta e investiga para o leitor(a) inicialmente sobre a vida, formação acadêmica, produções pedagógicas que estão restritas à Internet do até então secretário de alfabetização do MEC. Além de apresentar e discutir a distinção entre método fônico (na concepção defendida por Carlos Nadalim, seria um método único para todo o país) e o "métodos" construtivistas (defendidos por Paulo Freire, Magda Soares e Ana Teberosky), apresentando dados de Ideb para fundamentar a adoção e contribuição dos "métodos construtivistas" e de letramento na alfabetização.	12 de março de 2019	https://novaescola.org.br/conteudo/16065/quem-e-e-o-que-pensa-carlos-nadalim-o-novo-secretario-de-alfabetizacao-do-mec?gclid=CjwKCAjwrDmhBhBBEiwA4Hx5gzAYIeaEeLiF4_Bd2p3pv0sjVpKFc_vTOW9jfEMmuekE3TTxRCHkXwRoC4RwQAvD_BwE
Analfabetismo funcional: novos	Veja	A matéria apresenta alguns dados do Indicador de Alfabetismo Funcional - Inaf e tece algumas análises e interpretações, no aumento	12 de novembro de 2018.	https://veja.abril.com.br/coluna/educacao-em-evidencia/analfabetismo-funcional-

dados, velhas realidades .		significativo da taxa de escolarização, mas continua baixo o nível de pessoas funcionalmente alfabetizadas.		novos-dados-velhas-realidades
Três em cada dez são analfabetos funcionais no país, mostra estudo.	Veja	Esta matéria apresenta o Indicador de Alfabetismo Funcional – Inaf, mencionando o contexto do estudo e logo são apresentadas breves considerações sobre os resultados, um dado que chamou a atenção, a redução do analfabetismo funcional entre os jovens.	6 de agosto de 2018	https://veja.abril.com.br/educacao/tres-e-m-cada-dez-sao-analfabetos-funcionais-no-pais-mostra-estudo
Como a EJA mudou a vida deles.	Nova Escola	Esta matéria apresenta alguns dados sobre a modalidade associando ao motivo da evasão a crise econômica na qual, o jovem e adulto precisa trabalhar para sustentar sua casa. O texto é rico em detalhes com a história de vida de cada sujeito da EJA e sua vida profissional após a modalidade.	04 de abril 2018.	https://novaescola.org.br/conteudo/11606/como-a-eja-mudou-a-vida-deles
EJA: como fazer um jornal para a comunidade com a participação dos alunos	Nova Escola	A matéria apresenta o relato do processo de organização de um jornal elaborado pelos estudantes da Eja, na escola EM. Professora Enir da Silva Pilan, em Tapiraí, no interior de São Paulo. A educadora relata que sua prática pedagógica relacionada a atividades de leitura e escrita estão ligadas a realidade dos seus educandos. Desse modo, é relatado 10 (dez) passos para a construção do jornal, a saber: 1. planejamento, 2. conhecimentos prévios, 3.	10 de Outubro 2016	https://novaescola.org.br/conteudo/522/eja-como-fazer-um-jornal-para-a-comunidade-com-a-participacao-dos-alunos

		repertório, 4. primeiro contato, 5. nome e escopo do projeto, 6. mãos à obra. 7. produções individuais, 8. escrita coletiva, 9. revisão final e 10. autoavaliação.		
Jovens e adultos: desafios de quem faz a escola para eles (e com eles)	Nova Escola	Apresenta informações e relata como os sujeitos da EJA encaram sua jornada para estarem no período noturno nas escolas, marcadas pela invisibilidade, pouco investimento financeiro e evasão. Nas linhas finais são apontadas algumas soluções para combater a evasão e melhorar o desempenho das atividades na EJA	04 de março 2016	https://novaescola.org.br/conteudo/8093/jovens-e-adultos
No meio do caminho havia (muitas) pedras	Nova Escola	A matéria apresenta o aumento da quantidade de adolescentes na EJA, elegendo sete motivos gerais, a saber: vulnerabilidade social, trabalho, gravidez precoce, reprovação e evasão, distância da escola campo, desmotivação e decisão do gestor. No final da matéria são elencadas algumas soluções e são apresentados relatos de adolescentes explicando o motivo de estarem na EJA.	15 de Janeiro de 2016	https://novaescola.org.br/conteudo/7734/no-meio-do-caminho-havia-muitas-pedras
Alunos copistas são a nova face do analfabetismo funcional, que chega a atingir	Globo	A matéria evidencia a classificação de alunos copistas, explica a definição e menciona estudos acadêmicos da área, aborda o analfabetismo funcional, aponta causas e por fim apresenta relato de estudantes copistas.	16 de maio de 2011	https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/alunos-copistas-sao-nova-face-do-analfabetismo-funcional-que-chega-atingir-um-terco-da-populacao-brasileira-2789045

um terço da população brasileira				
Analfabetismo funcional preocupa profissionais da educação	Terra	Apresenta um relato de um estudante, na qual, são tecidas algumas considerações sobre o analfabetismo funcional, recorre-se ao Indicador de Alfabetismo Funcional do ano de 2009 como parâmetro dos dados. No correlato há falas de professor da educação básica, cita entrevista Fernando Haddad, do então ministro da Educação em 2010, por fim o texto aponta duas soluções para o problema, que seriam: “para Aline Feijó, investir em políticas públicas de qualidade, com a boa formação de professores, além de garantir melhores salários aos profissionais da classe” e “somente com um corpo docente bem preparado” tem a real mudança no quadro.	8 de julho de 2010	https://www.terra.com.br/noticias/educacao/analfabetismo-funcional-preocupa-profissionais-da-educacao.5f09ec8d7cbea310VgnCLD200000b0bcceb0aRCRD.html

Os critérios básicos de seleção dessas matérias deram-se pelo fato de estarem disponíveis para o público em geral, dado seu poder de circulação midiático e por trazerem a série enunciativa do analfabetismo funcional.

3 A FUNÇÃO ENUNCIATIVA DEMOGRÁFICO ESTATÍSTICA DO ANALFABETISMO FUNCIONAL NA ORDEM DO DISCURSO MIDIÁTICO

Neste capítulo analisamos como o enunciado o analfabetismo funcional aparece na ordem do discurso midiático. A regularidade básica desse enunciado é a função demográfico-estatística que funciona como um dispositivo que se lança mão para corroborar tecnicamente com o que se diz acerca do analfabetismo funcional e ressaltar a relevância social do uso de conceito, uma vez os dados corroboram para o fato de que se trata de um problema que atinge parte significativa da população brasileira, na ordem do discurso midiático. Esta função enunciativa atravessa os enunciados de causa e efeito, posiciona sujeitos de diferentes gerações, sustenta a tese da necessidade de políticas públicas voltadas à questão e fundamenta o problema no campo epistemológico.

3.1 RELAÇÕES DE CAUSA E EFEITO DO ANALFABETISMO FUNCIONAL

A ordem discursiva midiática faz da “relação causa-efeito” uma espécie de elo perdido ou santo graal do analfabetismo funcional. Assim como nos filmes de aventura estrelados por Harrison Ford, como Indiana Jones, em que o aventureiro/arqueólogo enfrenta diversos perigos em busca de tais artefatos para resolver as grandes dúvidas da humanidade, o discurso midiático faz algo análogo ao se aventurar em uma espécie de busca incessante das *relações causa-efeito* para se falar acerca do analfabetismo funcional. Diferente da narrativa cinematográfica, que ao recorrer ao jogo de imagens e à música de ação, consegue capturar a atenção dos espectadores por aproximadamente duas horas e com isso pode ao menos gerar entretenimento, e quase sempre enriquecer os produtores hollywoodianos; o discurso midiático, ao fazer das relações de causa-efeito seu santo graal, simplifica o problema e consequentemente empobrece o debate.

Uma das evidências enunciativas dessa mistificação das relações de causalidade para o analfabetismo funcional pode ser encontrado na seguinte afirmativa: “dois dos principais motivos apontados para o analfabetismo funcional são alfabetização tardia e baixa escolaridade dos pais” (G 01). A afirmação da “alfabetização tardia” e da “baixa escolaridade” como as causas do analfabetismo funcional, elide um discurso que considera aspectos estruturais da sociedade brasileira, como a desigualdade social e a negação do investimento em educação enquanto prioridade de todos governos. Quando afirma que o

motivo do analfabetismo funcional é a alfabetização tardia, se aciona um campo de possibilidades para dizer que o esforço de alfabetizar pessoas adultas seria inútil.

Outro modo de aparecimento desse tipo de relação causa-efeito, aparece atrelada ao elemento metodológico da alfabetização. Ou seja, se diz que a causa do analfabetismo funcional do Brasil é o uso desse ou daquele método de alfabetização. Existe uma tendência que busca reduzir a complexidade da causa do analfabetismo funcional à abordagem didático-pedagógica. Na publicação sobre o analfabetismo funcional na revista Nova Escola, cujo título é “Quem é e o que pensa Carlos Nadalim², o novo secretário de Alfabetização do MEC?” identificamos esse dispositivo de causa-efeito, que também tem a mesma função mistificadora da questão.

O até então secretário de alfabetização Carlos Nadalim afirma que uma causa do analfabetismo funcional seria “[...] ‘acreditar que as crianças podem aprender a ler e escrever por meio de um jogo psicolinguístico de adivinhações’, o que, na visão dele, teria resultado nos altos índices de analfabetismo funcional” (NE 01). Aqui, o discurso midiático dá visibilidade a dizeres que atribuem a causa do analfabetismo funcional a métodos de alfabetização que recorre aos estudos da linguística, como o caso do letramento.

Desse modo, na discussão sobre o letramento há elementos que são importantes para serem evidenciados. Num primeiro momento, na literatura e nos estudos acadêmicos brasileiros há uma forte associação dos dois fenômenos: alfabetização e letramento. No entanto, a professora e pesquisadora Magda Soares, diferencia os fenômenos atribuindo os processos que pertencem a cada um dos fenômenos. Nesse sentido, o conceito de alfabetização está estruturado e baseado no processo “pela aquisição do sistema convencional de escrita” (SOARES, 2003, p.14). E por sua vez, o conceito de letramento é baseado no processo “pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita” (SOARES, 2003, p.14).

Em síntese, esta demarcação entre processos é um dos pilares dos dois conceitos, que são utilizados na argumentação da pesquisadora Magda Soares. De posse dessa demarcação processual pode-se avançar nas características que o letramento apresenta: “imersão das crianças na cultura escrita, participação em experiências variadas com a leitura e a escrita,

²Carlos Nadalim (1978–) formação em Direito e tornou-se mestre em educação na Universidade de Londrina. Foi professor em instituições de ensino de Londrina e coordenador pedagógico da escola Mundo do Balão Mágico. Durante o governo Bolsonaro (2019-2022), Nadalim assumiu o cargo de secretário nacional de alfabetização (2019-2022).

conhecimento e interação com diferentes tipos e gêneros de material escrito” (SOARES, 2003, p.15).

Então, na aprendizagem da língua escrita, segundo a Magda Soares (2003, p.15), há duas dimensões que é a alfabetização e o letramento, que se integram entre si. A relação continua sendo descrita em termos a consciência da especificidade dos fenômenos, sem perder de vista as que ela chama de facetas, as características de cada um. Reconhecendo assim, que para atender as características tanto da alfabetização, quanto o letramento há uma diversidade de métodos e procedimentos de ensino.

Esta explicação conceitual sobre o letramento chega na frase que está em evidência que é a

[...] alfabetização se desenvolva num contexto de letramento - entendido este, no que se refere à etapa inicial da aprendizagem da escrita, como a participação em eventos variados de leitura e de escrita, e o conseqüente desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, e de atitudes positivas em relação a essas práticas (SOARES, 2003, p.16).

Nadalim, advoga pela adoção do método fônico (que enfatiza a correspondência entre as letras e os sons da fala) e que de acordo com a publicação há elementos que podem ser criticados pelos atuais estudos de letramento e por alguns educadores.

A alfabetização com o método fônico caracteriza-se pelo uso e aprendizagem do “sons de cada letra” e conseguinte é adicionada a “mistura destes sons em conjunto” para atingir “a pronúncia de uma palavra” (VAGONES, 1980 *apud* SANTOS; FREITAS, 2020, p.8). Nesse sentido, o método fônico é associado ao fortalecimento da consciência fonêmica. Pois, faz parte da relação principal entre grafemas e fonemas. Desse modo, neste método é introduzido primeiramente dos “sons mais simples aos mais complexos”; introduzem as vogais e depois é incluída as consoantes e por último as sílabas para se formarem as palavras (CAPOVILLA, 2004 et al. *apud* SANTOS; FREITAS, 2020, p.5).

Em suma, o modo como o discurso midiático recorre às relações causa e efeito para enunciar o analfabetismo funcional, ora dizendo que sua causa é a alfabetização tardia, ora dizendo que é um problema de método, além de mistificar a questão, elide outros elementos do campo da gestão e das políticas públicas. Em outras palavras, não se abre espaço para crítica ao grande abismo social do nosso país, onde muitas vezes, a depender do lugar onde se nasce, se determina o grau de escolaridade. Além desses elementos de ordem social mais ampla, o enunciado da relação causa-efeito do analfabetismo funcional também elide dizeres

denunciativos da não priorização da educação pelo Estado brasileiro, no âmbito das políticas públicas.

3.2 O ANALFABETISMO FUNCIONAL COMO POSIÇÃO DE SUJEITO EM DIFERENTES GERAÇÕES

Aparece na ordem do discurso midiático a especificação da faixa de idade dos sujeitos que participam dos instrumentos de coleta de dados para fins de levantamentos demográficos. O discurso midiático do analfabetismo funcional posiciona o sujeito analfabeto funcional em diferentes faixas geracionais. Nas matérias jornalísticas selecionadas há elementos que afirmam que há no mínimo três faixas, a saber: analfabetismo jovem, adulto e idoso.

Entre as três faixas o analfabetismo jovem é encarado com certo espanto pois os jovens tiveram acesso à escola, mas não atingiram a capacidade de leitura e escrita satisfatória para participar socialmente na cultura letrada. Nessa ordem discursiva, “[...] os números refletem a taxa de insucesso dos anos finais do Fundamental e Ensino Médio. Do total de matriculados na EJA, 2,17 milhões tentam completar o Ensino Fundamental, enquanto 1,42 milhão estão em busca do diploma do Ensino Médio” (NE,02).

Nessa ordem discursiva,

há um analfabetismo jovem. É inaceitável que pessoas nascidas no final da década de 1990, que tiveram oportunidade de acesso à Educação, componham esse percentual tão alto, disse Maria Helena Guimarães, secretária-executiva do MEC, na cerimônia de divulgação dos dados do Censo Escolar deste ano (NE, 02).

Ressaltamos que ao falar do analfabetismo na juventude há o dizer que é “inaceitável”, justificado pela oportunidade de acesso à educação que a geração do início dos anos 1990 teve. Isso implica dizer que nas gerações anteriores esses índices seriam aceitáveis? Quem teve o direito à educação negado nas décadas anteriores também é importante para o debate? Para um debate mais profundo, as pessoas das décadas anteriores também devem participar deste lugar, que não se pode ou deve aceitar esta negação à educação.

Seguindo os achados da pesquisa, em termos quantitativos expressivos, a busca pela alfabetização e pela Educação de Jovens e Adultos é apresentada pela faixa geracional dos adultos, com base na matéria da Nova Escola com o título: “A EJA atrai cada vez mais jovens”, que diz

Maria é uma das estudantes que estão dando uma nova cara para a EJA. “Ainda está no imaginário que o público é composto por pessoas de terceira idade em busca da alfabetização”, comenta Ana Lima, coordenadora do Índice Nacional de Alfabetismo Funcional (Inaf). Mas a maioria dos estudantes da EJA tem menos de 59 anos. (NE 06)

Neste fragmento, ressaltamos como a estratégia discursiva implica recorrer a elementos biográficos como falar o nome das pessoas, a profissão, a idade etc, para fazer uma espécie de estudo de caso: “Maria é uma das estudantes”. Outro elemento a ressaltar é a ideia de que a juventude na EJA é uma “novidade”: cara nova. Mas, o público jovem esteve à margem ao longo do processo histórico educacional brasileiro, só agora, com os dados estatísticos ganham visibilidade pública ganham *status* quantitativos.

3.3 O ANALFABETISMO FUNCIONAL COMO OBJETO DE POLÍTICA PÚBLICA

Aparece na ordem do discurso midiático para apresentar respostas e ações para melhorias isoladas dos indicadores, através de uma autoridade pública dos governos, através de política pública ou discurso de uma comissão.

Os indicadores das pesquisas censitárias são os parâmetros de base para que a autoridade pública afirme a previsão da erradicação do analfabetismo; explicitando assim a meta a ser atingida com o prazo situado num determinado tempo, “[...] Fernando Haddad, ministro da Educação, afirmou que o analfabetismo entre a população de 15 anos ou mais será erradicado no país até o ano de 2015” (T 01).

Ressaltamos que ao tomar como objeto da política pública o enunciado o analfabetismo funcional, o discurso midiático lança mão de estratégias de senso de urgência. Em outras palavras, é necessário dar respostas imediatas: erradicar o analfabetismo até uma data específica. É um discurso que de certo modo confere segurança para quem pergunta e para o leitor da matéria que o problema será extinguido num futuro próximo.

Há a ocorrência na matéria da Veja, um quesito mais sistematizado associado à dimensão do planejamento estratégico, materializado no plano que foi pensado de maneira colaborativa, Ministério da Educação e Cultura (MEC) e Conselho Federal de Educação com profissionais da educação e de abrangência em todo território nacional. “O Plano Nacional de Educação, de 2014, prevê erradicar o analfabetismo absoluto³ até 2024” (V 01).

³A relação entre o analfabetismo absoluto e o funcional está baseada na quem “não tem o conhecimento da escrita e da leitura”(UNESCO, 2014, p.102) e a pessoa que está no analfabetismo funcional, “que apresenta o uso insuficiente da palavra escrita nos aspectos práticos da vida diária”(UNESCO, 2014, p.102), ambas estão com o nível mais baixo para transitar no e para o mundo letrado.

A política pública tem uma espécie de proposta de ação interventora ou manutenção do problema (mudança). Em publicação na Nova Escola, com o título “Jovens e adultos: Desafios de quem faz a escola para eles (e com eles)”, percebe-se a exemplificação do processo que demonstra que o sujeito de profere a fala reforça a manutenção do problema do analfabetismo:

Em 1977, o senador Darcy Ribeiro (1922-1997) disse que, como a maior parte dos analfabetos pertencia às camadas mais velhas e mais pobres e, portanto, mais suscetíveis à morte, a erradicação do analfabetismo era questão de tempo, não precisava de investimentos. Bastaria alfabetizar as crianças. Algumas décadas depois, a sombra de que a EJA não tem futuro segue presente. (NE 04)

Em contraposição à fala atribuída ao senador Darcy Ribeiro, em outra reportagem do mesmo veículo, Nova Escola, com o título “No meio do caminho havia (muitas) pedras”, a jornalista exemplifica a fala da ação interventora no problema do analfabetismo, propondo mudança no quadro que é manifestado pelos dados estatísticos coletados na realidade educacional brasileira: “ignorar a urgência dessas tarefas só vai fazer com que a situação piore e comprometa as poucas boas notícias da área, como a pequena taxa atual do analfabetismo entre 15 e 18 anos, cerca de 1,5%” (NE 05).

Seguindo a linha de raciocínio, a política pública que é caracterizada pela ação interventora em busca da mudança do quadro do analfabetismo é materializada institucionalmente no governo federal, em 2019, com a seguinte afirmação:

A Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi) era a responsável por programas relacionados à EJA, como o Brasil Alfabetizado. Segundo o MEC, a responsabilidade agora está a cargo da Coordenação-Geral de Temas Transversais e Educação Básica Integral, na Secretaria de Educação Básica. (NE 06).

Logo, em 2019, com a extinção da Secadi é um movimento de manutenção do problema. Já a reativação da Secadi em 2023 é encarado como um movimento de ação interventora sistematizada e articulada que busca a mudança no quadro do analfabetismo. Em suma, o enunciado do analfabetismo funcional, na ordem do discurso midiático, como objeto da política pública, aciona correlatos de urgência, recorre ao estabelecimento de metas e busca dizeres acerca da sistematização de ações para enfrentamento do problema.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos achados arqueológicos verificamos que a função enunciativa demográfico estatística do analfabetismo funcional exerce uma predominância em relação às demais funções encontradas durante as análises. Logo, quando o analista escava as fontes primárias, as entrevistas e matérias da Revista Nova Escola, Veja, O Globo e Portal Terra encontramos uma retomada de dados estatísticos para reforçar o argumento de que o analfabetismo funcional é um dado da realidade educacional brasileira, que pode ser explicado por simples relações de causa e efeito, que marca todas as faixas etárias, que é objeto de políticas públicas e pode ser um problema de pesquisa.

Os resultados da análise estão coerentes com os objetivos da pesquisa, pois identificou a rede discursiva e documental que faz circular o enunciado analfabetismo funcional e acessou a rede documental pelo enunciado analfabetismo funcional, que culminou no resultado dos elementos da rede discursiva. Ou seja, nas extremidades dessa rede discursiva estão os seguintes elementos que compõem esquema (1) a relação de causa e efeito do analfabetismo funcional; (2) o analfabetismo funcional como posição de sujeito em diferentes gerações, (3) o analfabetismo funcional como objeto de política pública e (4) analfabetismo funcional como problema epistemológico-classificatório.

A série enunciativa do *analfabetismo funcional como problema epistemológico-classificatório* foi identificada e nomeada, no entanto, não foi possível analisá-la em função do ritmo e dos prazos para conclusão desta pesquisa. Ela assume a configuração de que discurso midiático também recorre a estratégias que assumem a questão como um problema de pesquisa. Sendo assim, citam dados e fontes oriundos de levantamentos ou pesquisas sobre medição e classificação da habilidade leitora dos sujeitos participantes das entrevistas.

No achado desta pesquisa, a reportagem da Veja, que tem o título “Três em cada dez são analfabetos funcionais no país, mostra estudo” nos traz elementos que fundamentam discursivamente, partindo da prática da equipe do Indicador do Analfabetismo Funcional, com a adoção de instrumentos na construção do conhecimento com as entrevistas, além de que os testes com as questões trazem para o resultado da pesquisa a ideia de classificação no níveis de proficiência. Nessa ordem discursiva, “[...] a equipe do Inaf faz **entrevistas domiciliares** e aplica um **teste específico**, com questões que envolvem a leitura e interpretação de textos do cotidiano (bilhetes, notícias, gráficos, mapas, anúncios, etc) e **classifica a habilidade** em cinco níveis de proficiência”. (V 02, grifo nosso)

Nessa perspectiva, ao invés de analisar o nível de analfabetismo, as pesquisas do Inaf analisam os níveis de alfabetização, ou as habilidades que os sujeitos têm com a escrita. Desse modo, o discurso midiático recorre à estratégia da pesquisa para dizer que o analfabetismo funcional pode ser classificado em níveis, com base nas habilidades que essa população tem com leitura, escrita, interpretação etc. Então, a série enunciativa do analfabetismo funcional como problema epistemológico-classificatório seria uma sugestão para continuidade de um estudo futuro.

Em síntese, enfatizamos que as séries enunciativas se relacionam entre si pela função enunciativa demográfico-estatística. Então, a função enunciativa demográfica estatística deriva os enunciados de causa e efeito, posiciona sujeitos de diferentes gerações, sustenta a tese da necessidade de políticas públicas voltadas à questão do analfabetismo funcional e fundamenta o problema no campo epistemológico.

Desse modo, deixo registrado como sugestão de outros estudos e investigações em discurso ou em outras correntes epistemológicas e de pesquisa como a fenomenologia, por exemplo, de como o analfabetismo funcional está no discurso acadêmico-pedagógico, especificamente como o trabalho docente e a escola estariam vinculados. A hipótese que afirma que o analfabetismo funcional seria perpetuado mesmo dentro de uma instituição educacional que se atentasse para os estudos da linguística, cognitivos e de letramento. Realmente há elementos que sustentam esta hipótese? Essa expressão tão alardeada pelo discurso midiático realmente se constitui em um aspecto da realidade educacional brasileira? Em outras palavras: é adequado falarmos em analfabetismo funcional sob a perspectiva dos estudos de alfabetização e letramento? Como aprofundar a discussão sobre as raízes do problema do analfabetismo no caso brasileiro, numa perspectiva enunciativo-arqueológica?

Sobre a minha pergunta existencial e de autoconhecimento se eu seria um analfabeto funcional, após este trabalho de conclusão de curso, posso afirmar que depois das minhas investigações na área da língua e linguagem, eu apresentava algumas dificuldades com textos mais profundos que exigem mais competência do leitor. No entanto, com o diálogo com professores e professoras da área da língua materna e de livros que auxiliam na leitura e escrita de textos a minha competência aumentou para lidar com os desafios na leitura em ambiente universitário possibilitando que eu transitasse pela linguagem escrita com mais segurança.

REFERÊNCIAS

- ALCANTARA, M. A. M. de. CARLOS, E. J. **Análise arqueológica do discurso: uma alternativa de investigação na educação de jovens e adultos (EJA).** *Intersecções: Revista de Estudos sobre Práticas Discursivas e Textuais*, Jundiaí, Ed. 11, Ano 6, n. 3, p.59-75, nov.2013. Disponível em:<<https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaInterseccoes/article/view/1152/1035>>. Acesso: 20 jun. 2023.
- ALCANTARA, Marcos Angelus Miranda de. **Elementos para uma Teoria Enunciativa da Educação Popular.** 2017. 271 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.
- ANNUNCIATO, Pedro *et al.* **Quem é e o que pensa Carlos Nadalim, o novo secretário de Alfabetização do MEC?:** A nomeação de Carlos Francisco Nadalim, escolhido para comandar a nova subpasta do ministério, representa uma mudança radical nas políticas destinadas à área. entenda por quê:. São Paulo: Nova Escola, 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/16065/quem-e-e-o-que-pensa-carlos-nadalim-o-novo-sec-retario-de-alfabetizacao-do-mec?gclid=CjwKCAjwrDmhBhBBEiwA4Hx5gzAYIeaEeLiF4_Bd2p3pv0sJvPKFcvTQW9jfEMmuekE3TTxRCHkXwRoC4RwQAvD_BwE>. Acesso em: 30 maio 2023.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português** – encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BRASIL. Decreto n. 9.765, de 11 de abril de 2019. Institui a Política Nacional de Alfabetização. Diário Oficial da União: seção 1 - Extra, Brasília, DF, Edição 70-A, p. 15, 11 abr. 2019b.
- CARDOSO, Monise. **No meio do caminho havia (muitas) pedras:** reportagem da edição 244, de agosto de 2011, indicada por Roberto Catelli. Reportagem da edição 244, de agosto de 2011, indicada por Roberto Catelli. São Paulo: Nova Escola. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/7734/no-meio-do-caminho-havia-muitas-pedras>>. Acesso em: 30 maio 2023.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Parecer CNE/CEB 11/2000. Brasília: MEC, 2000. 68 p.
- CASSIMIRO, P *et al.* **Jovens e adultos:** desafios de quem faz a escola para eles (e com eles). Desafios de quem faz a escola para eles (e com eles). 2016. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/8093/jovens-e-adultos>>. São Paulo: Nova Escola. Acesso em: 30 maio 2023.
- DUARTE, A.; RIBEIRO, E.. **Alunos copistas são a nova face do analfabetismo funcional, que chega a atingir um terço da população brasileira.** O Globo. 2011. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/alunos-copistas-sao-nova-face-do-analfabetismo-funcional-que-chega-atingir-um-terco-da-populacao-brasileira-2789045>>. Acesso em: 30 maio 2023.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michael. **A Arqueologia do Saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. ISBN:978-85-309-3966-3. 8ª ed.[Reimpr.]. Rio de Janeiro, Brasil. Editora: Forense, 2022.

FREITAS, M. C. M. A.. SANTOS, G. T dos. **Alfabetizando através do método fônico**. Disponível

em:<<http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/11128/1/TC2%20-%20Gabriella%20Tocchio%20dos%20Santos.pdf>>. Acesso: 25 maio 2023.

GASPARIAN COLELLO, Silvia. MANSO, Maria. Existem muitos analfabetos funcionais no Brasil? |De olho na Educação. TV Cultura. ©1996 – 2019. Fundação Padre Anchieta.

Disponível em: <

https://tvcultura.com.br/videos/66429_existem-muitos-analfabetos-funcionais-no-brasil-de-olho-na-educacao.html > Acesso em: 15 jun 2019.

Instituto Paulo Montenegro. Ação Social do IBOPE. Indicador de Analfabetismo Funcional. INAF Brasil 2018: resultados preliminares. São Paulo; 2018

MANSANI, Mara. **EJA: como fazer um jornal para a comunidade com a participação dos alunos**: esse veículo é um ótimo mediador entre a escola e o mundo e possibilita explorar diversos gêneros textuais. Esse veículo é um ótimo mediador entre a escola e o mundo e possibilita explorar diversos gêneros textuais. São Paulo: Nova Escola. 2016. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/522/eja-como-fazer-um-jornal-para-a-comunidade-com-a-participacao-dos-alunos>>. Acesso em: 30 maio 2023.

MARCELINO, Fernanda Torresan. **O ler por prazer**: a construção de uma forma de entendimento da leitura nos anos 80. 2003. 192f, Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: [s.n.], 2003.

OLIVEIRA, João Batista. **Analfabetismo funcional: novos dados, velhas realidades**: chama atenção a porcentagem de adultos no nível proficiente de alfabetização no Brasil - apenas 12% -, apesar do aumento da taxa de escolaridade. São Paulo. Veja. 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/educacao-em-evidencia/analfabetismo-funcional-novos-dados-velhas-realidades>>. Acesso em: 30 maio 2023.

OLIVEIRA, R. A. J. de. SILVA, M. do C.. Dialogando com Magda Soares sobre alfabetização, práticas pedagógicas e formação de rede. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 13, n. 3, p. 928-940, set./dez. 2018. ISSN 1809-4309. Disponível em:

<<https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/10614/209209210254>>

Acesso 25 maio 2023

OLIVEIRA MUNIZ, Elton Diego. **As dificuldades na formação do hábito de leitura em alunos do ensino médio**: contradições resultantes do analfabetismo funcional. 2018. 51f, Trabalho de Conclusão de Curso ao Curso de Licenciatura em Línguas Estrangeiras – Espanhol – Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB: 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REDAÇÃO. **Analfabetismo funcional preocupa profissionais da educação**. Portal Terra.2010. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/analfabetismo-funcional-preocupa-profissionais-da-educacao,5f09ec8d7cbea310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>>. Acesso em: 30 maio 2023.

REDAÇÃO. **Três em cada dez são analfabetos funcionais no país, mostra estudo**: indicador mostra que taxa de brasileiros nessa situação está estagnada há dez anos. 2018. São Paulo. Veja. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/educacao/tres-em-cada-dez-sao-analfabetos-funcionais-no-pais-mostra-estudo>>. Acesso em: 30 maio 2023.

RIBEIRO, V. M.; VÓVIO, C. L.; MOURA, M. P. **Letramento no Brasil**: alguns resultados do indicador nacional de alfabetismo funcional, *Educação & Sociedade*. v. 23, n. 81, p. 49-70, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302002008100004&lng=pt&nrm=iso>.

SALAS, Paula *et al.* **Como a EJA mudou a vida deles**: que mais de 3,6 milhões de estudantes estejam matriculados na escola para jovens e adultos é uma conquista; que as taxas de evasão no ensino médio ainda sejam tão altas, não é. São Paulo: Nova Escola. 2018. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/11606/como-a-eja-mudou-a-vida-deles>>. Acesso em: 30 maio 2023.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 09 mar. 2020. <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782004000100002>>.

SOARES, Wellington; MORAIS, Isabela. **A EJA atrai cada vez mais jovens**: apesar da queda nas matrículas nos últimos anos, a EJA ainda é uma opção para atender adolescentes e adultos com quem a escola regular falha. São Paulo: Nova Escola. 2019. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/18240/a-eja-atrai-cada-vez-mais-jovens>>. Acesso em: 30 maio 2023.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre. Artmed, 1998.

UNESCO. **Alfabetização de Jovens e Adultos em Movimento**. In: _____. Alfabetização de Jovens e Adultos no Brasil: lições da prática. Brasília, UNESCO, 2008. p. 57-76. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/162640por.pdf>>. Acesso: 12 de maio de 2019.

UNESCO. **Contribuições conceituais da educação de pessoas jovens e adultas**: rumo à construção de sentidos comuns na diversidade/ Organização de Estados Ibero-americanos [e] Unesco; coord. Raúl Balés... [et al.]; trad. de Daniele Martins, Zenaide Romanovsky. - Goiania: Ed. UFG, 2014.